

1970

SERGIO



Sabendo das coisas

COISA

1

Tudo nos seus lugares, de novo: Elis Regina e Ronaldo Bôscoli aceitaram os porteiros e o compositor, inclusive, já está em casa, tranquilo. Não sei se vocês repararam, mas aqui na coluna eu fiz o que pude para não publicar a separação. Publicaram, não demorou muito. Levelê a "fúrada" conscientemente, por três motivos principais: a) não cuido da vida particular de ninguém e tudo o que escrevo, neste espaço, tem um caráter fundamentalmente profissional; b) vou com as caras da Elis e do Ronaldo, embora a maioria não vá. É um jeito de ser: no cinema, estou sempre do lado do inglês; c) quiseram muito essa separação. Tolla semana o casal se separava ou brigava ou discutia em público. Foi muito urubu pra pouca carnificina. Na hora em que aconteceu, se eu entrasse no bloco, seria um urubu a mais. E, como se sabe, nesses casos um urubu a mais, um urubu a menos...

COISA

2

A moçada pode se alvoroçar: Sérgio Mendes está sendo aguardado, em sigilo, no próximo dia 24. Virá sozinho e não se forma bem por quê. Fiquem de olho.

COISA

3

Marília Barbosa, uma voz segura e uma carinha linda, deixou o Number One. Pior para o Number One, que perde uma das suas melhores atrações, ao que eu sei por uma besteirainha átona: Marília teria brigado com o pianista Osmar Milito e se desligado da boate, de onde ainda guarda a melhor recordação.

RIO À NOITE

Sérgio Bittencourt

Como foi

SOMOS todos muito amigos. Por isso, todos toparam e chegaram na hora certa. Fiz a primeira parte do "show" levando muito do velho recurso da sátira — só que tive o cuidado de ilustrar as palavras com slides e discos. Fui o estonou, graças ao operador do projetor e da vitrola.

Ai, Marcos Valle entrou. Cantou "Viola Enturpada". Marcos, num pulso, debaixo de um foco de luz branca, deu de repente, o trio pegou o bonde andando e foi com ele até o fim da canção. Aplausos. Marcos vai ao piano. É a introdução de "Preciso Aprender a Ser Só". O foco está em Marcos. Marcos vai cantar, a gente já espera. ("Ele também toca piano? Lindo!")

Quando Marcos vai dizer o primeiro verso, uma voz bo-nita diz por ele. Quem é ela? Ninguém sabe, ninguém loca-liza Marília Barbosa, uma excelente cantora, profissional das pampas que não demora muito estoura nesta paróquia. Vem Paulo Sérgio Valle. Diz um poema seu, inédito, lindo, certo, definitivo. Paulo Sérgio está de pilequinho e, por causa disso, fica quase surto. ("Eu vi uma areia em cima da cabeça dela?")

Marília canta. Marcos dá uma palhinha da "Sá Marina", entram Antônio Adolfo e Tibério Gaspar. Adolfo vai para enfiar, para onde, aiás, jamais deveria ter ido. Mas, foi. E cantou. É um quise-gordo, o nosso Tibério Gaspar. No momento, faz sensação pelo cabelo que, aos poucos, vai se compridando atrás. Tibério canta suas composições e balança o corpo, dando um jeitinho muito diferente nos passos que faz. Tibério está-se apaixonando de novo. Res-sultado: está compondo e dizendo mais tolices. Faturando, porém. Muito.

É a hora de "Musings, Cór de Sangue". Outra vez o foco de luz em cima do Marcos. Ele brilha, assim como acabou de brilhar Tibério Gaspar. Depois, vem "O Vindante", Noélli e Paulo Sérgio cantando pra frente com Marília Barbosa. O público aplaude e pede o bis. Não deixa. Entra, é a minha vez. E sempre que a vez é minha, também é de Eduardo Souto Neto, meu irmãozinho menor e mais afeto, parceiro de andanças musicais meio ruidias e cotidianas. Cantamos. Aplausos. É o final. "Aleluia, Aleluia", de Antônio Adolfo e Tibério. Acabou. Patmas. Acabou, mesmo. Bis. Não. Prequei. Prequei. Acabou ou não acabou? Evidente.

Dois dias depois, aquela mesma público feito de danças e senhores da mais brilhante ascendência tricolor, rasgava-se no Maracanã, dentro de uma nuvem de talco. O Fluminense era o campeão e já se comenta por aí que o menino aqui, com os seus "shows" e seus amigos, dá uma sorte jún-júnica. Tamos aí.



MARILIA BARBOSA,
Sem "Number One"